

Brincadeira e cultura: o faz-de-conta das crianças Xocó e do Mocambo (Porto da Folha/SE)

Ilka Dias Bichara

Universidade Federal de Sergipe

Resumo

Ao fazer-de-conta a criança ao mesmo tempo vive e constrói uma realidade e a compartilha com seus companheiros. Estudos desse fenômeno que envolvam realidades diferentes são raros e, de uma forma geral, diferenças socioculturais têm sido vistas como sinais de deficiência e não de variação comportamental. Estudar possíveis variações decorrentes de fatores culturais em duas comunidades no sertão sergipano, a dos índios Xocó e a dos negros do Mocambo, é o objetivo deste trabalho. Para tanto foram observadas, através de filmagem em vídeo-tape, associadas com registros cursivos, 60 crianças, nas duas comunidades, em suas atividades livres. Os resultados mostram forte influência do modo de vida dos pais nas brincadeiras das crianças, predomínio de temas realísticos sobre os fantasiosos e forte estereotipia de gênero, confirmando nossas hipóteses sobre a existência de particularidades no desenvolvimento associadas com o ambiente familiar e cultural no qual estão inseridas.

Palavras-chave: faz-de-conta, brincadeira, cultura.

Play and culture: Xocó and Mocambo children's make-believe

Abstract

Make-believe playing implies the construction of a reality, which is shared with the child's playmates. Studies involving different realities are rare and sociocultural differences are generally regarded as deficiency signs instead of behaviour variations. This work has aimed at studying possible variations due to cultural factors in two communities of Sergipe backwoods - Xocó's Indian community and Mocambo, a black people's community. Sixty children were observed in their free outdoor activities with a video camera in both communities. Results indicated that play was strongly influenced by parents way of life. Realistic subjects prevailed over fantasy ones, and a strong gender stereotype was detected. These results were consistent with our hypotheses about some existing particularities in the development, that are associated with the cultural and familiar environment of the children.

Key words: play, make-believe play, culture.

A brincadeira de faz-de-conta parece ser um fenômeno universal apesar de haver considerável variação de frequência e complexidade em diferentes indivíduos e em diferentes sociedades.

Moraes e Carvalho (1994) consideram que esta modalidade do brincar é característica de uma espécie cuja vida social envolve a construção e interpretação compartilhada da realidade. Esta é

1. Trabalho apresentado no Simpósio *Brinquedo e cultura* na XXIX Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, Campinas - SP, outubro de 1999.

Endereço para correspondência: Departamento de Psicologia/CECH/UFS. Jardim Rosa Elze. CEP 49000-100 - São Cristóvão - SE. Fones (79) 212-6747 ou 212-6748. e-mail: ibichara@infonet.com.br

Apoio financeiro PIBIC/CNPq/UFS aos alunos André Luis Mandarinó Borges, Guilherme Nascimento Caldeira, Fabiana Souza Araújo, Janaina de Oliveira Simões (Xocó), Elder Cerqueira Santos, Wilson Bispo da Fonseca, Flávia Vanessa dos Santos (Mocambo).

Agradecimento a Isabela Dórea (voluntária).

veiculada pelos adultos às crianças que, por sua vez, enquanto brincam de faz-de-conta, mudam os significados das coisas socialmente adquiridas criando novos significados que passam a ser compartilhados pelo grupo de brinquedo. Brougère (1995, p. 40) argumenta que:

“toda socialização pressupõe apropriação da cultura, de uma cultura compartilhada por toda a sociedade ou parte dela. A impregnação cultural, ou seja, o mecanismo pelo qual a criança dispõe de elementos dessa cultura, passa, entre outras coisas, pela confrontação com imagens, com representações com formas diversas e variadas. Essas imagens traduzem a realidade que a cerca ou propõem universos imaginários. Cada cultura dispõe de um ‘banco de imagens’ consideradas como expressivas dentro de um espaço cultural. É com essas imagens que a criança poderá se expressar e com referência a elas, que a criança poderá captar novas produções”.

Apesar disso, nos estudos que tratam de diferenças culturais e/ou de nível sócio-econômico, conceitos como classe social, cultura, etnia e ambiente social são confundidos e tratados indevidamente (Fein, 1981; Smith e Dodsworth, 1978). Também vale registrar que tanto diferenças culturais como de classe social têm sido vistas como sinais de deficiência e não de variação do comportamento (Farver e Howes, 1993). Por exemplo, Kotliarenco (1997) considera que o processo de socialização ao qual são expostas as crianças pobres tem sido empobrecedor para vários planos de sua vida. Uma das áreas nas quais a pobreza tem mostrado interferir no desenvolvimento das crianças é a brincadeira de faz-de-conta empobrecendo dessa forma o desenvolvimento cognitivo e lingüístico como consequência.

Os dados sobre influências culturais nas brincadeiras de faz-de-conta também são contraditórios: alguns estudos apontam que esta forma de brincadeira está praticamente ausente em algumas culturas, por exemplo, entre crianças russas e do leste africano (Ebbeck, conforme citado por Johnson, Christie e Yawkey, 1999; Elkonin, 1971; Whiting, 1963), sen-

do imensamente rica e variada em outras, como por exemplo na Nova Zelândia e em Okinawa. Estudos com crianças africanas e com povos indígenas da América do Sul realizados por Eibl-Eibesfeldt (1989) apontam para riqueza e variabilidade desta brincadeira em diferentes culturas.

Fein (1981) considera que estudos que não discriminem estes variados aspectos fazem com que o conhecimento sobre a ação de fatores como estimulação dos pais, atitudes, usos de brinquedo, etc. seja deficiente, apesar de serem considerados como causa de presumíveis diferenças. Essa autora conclui que as diferenças apresentadas pelas crianças são mediadas menos por fatores cognitivos ou de limitações sociais que por aqueles próprios aos ambientes nos quais as observações foram realizadas. Aí estariam incluídos fatores como pobreza ou como culturas mais ou menos tecnológicas.

Whiting e Edwards (1988) também consideram que fatores ecológicos, assim como a organização social e econômica da comunidade, a rotina diária da família, os indivíduos com os quais a criança convive e as atividades em que elas se engajam influenciam e direcionam seus comportamentos.

Seguindo esta linha de investigação, temos observado que são variados os aspectos sociais e culturais que influenciam a brincadeira de faz-de-conta das crianças. Nossos estudos demonstram que ao brincar a criança reproduz, mesmo que indiretamente, as relações vivenciadas no seu universo social. Portanto, não basta investigar se há ou não brincadeira de faz-de-conta em diferentes culturas ou grupos sociais, ou em que faixas etárias mas, principalmente, o conteúdo e a complexidade dessas brincadeiras, ou seja, investigar os aspectos mais comumente observados nas brincadeiras, que demonstrem de alguma forma como a criança se relaciona com os valores da sociedade e da cultura a qual pertence e com a sua própria fantasia.

Indícios desta relação ficção-realidade estão presentes em variados aspectos da brincadeira: na preferência de meninos e meninas por determinados temas de faz-de-conta, no uso de objetos e nas transformações simbólicas que eles sofrem, na comunicação, nas relações sociais estabelecidas no grupo de brinquedo, nos papéis, enredos etc.

Investigar as brincadeiras das crianças em duas comunidades com aspectos socioculturais diferenciados é o objetivo deste trabalho. Estas comunidades são: a dos índios Xocó e a dos negros do Mocambo, ambas em Porto da Folha/SE.

MÉTODO

Sujeitos: foram sujeitos desta pesquisa 60 crianças, sendo 35 da aldeia Xocó (13 meninas e 22 meninos) e 25 do povoado Mocambo (10 meninas e 15 meninos), com idade variando de 2 a 12 anos, escolhidas aleatoriamente entre as que brincavam nas áreas livres das duas comunidades.

Os índios Xocó vivem na ilha de São Pedro, no rio São Francisco. Atualmente a aldeia conta com cerca de 250 índios que vivem da agricultura, pecuária, pesca e cerâmica. Falam português e o seu modo de vida é muito parecido ao de qualquer população rural da região, inclusive na aparência, já que a longa convivência com brancos e negros resultaram em alterações no biótipo e no entrelaçamento cultural. Porém como ressalta Dantas (1991, p. 56) "não obstante as mudanças no tipo físico e na cultura eles se consideram Xocó". Ainda mantém algumas tradições como a dança do "Toré" e o "Arregado da Jurema" e a organização social com um cacique e um pajé.

A comunidade negra do Mocambo foi reconhecida oficialmente em 1997, pela Fundação Palmares como Remanescente de Quilombo. Segundo parecer dos técnicos da Fundação, os moradores do Mocambo eram conhecidos como "negros do pé-de-serra" e já viviam no local há muito tempo como camponeses criadores, independentes de outras formas de exploração econômica (Santana, 1997). O Mocambo é constituído hoje por cerca de 100 famílias, distribuídas em dois núcleos e um certo número de casas dispersas pelo terreno, aguardando demarcação. O núcleo maior localiza-se à beira do rio São Francisco e concentra cerca de 80 casas. São vizinhos dos índios Xocó e mantêm com eles uma histórica convivência, desenvolvendo laços de parentesco e

cooperação econômica. A manifestação cultural mais forte é o samba de coco, que é associado à luta pela terra, principalmente nas letras das músicas.

Procedimento: A coleta de dados foi feita através de observação direta de comportamento em situação natural, utilizando-se para isto de filmagens em vídeo-tape associadas com registro cursivo de comportamentos. As crianças foram observadas de forma focalizada em seus grupos de brinquedo, nos diversos ambientes das duas comunidades (rio, rua, praça, roça etc.). Foram dispensados os episódios em que houve interferência de adultos. As sessões obedeciam a um planejamento de 10 minutos cada mas, na prática, não tinham um tempo fixo devido às dificuldades próprias de um estudo naturalístico (interrupções por adultos, topografia, clima, etc.) e pelas próprias características do objeto – uma vez iniciado um episódio este deveria ser observado até o seu final.

Os dados coletados foram agrupados em categorias de acordo com o tema e com as características relativas à origem da brincadeira. Foi aplicado o critério de Andrew, tal como descrito por Aspey (1977), a fim de verificar quais os temas da brincadeira ocorreram com frequência acima da esperada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados aqui apresentados correspondem a 3 anos de trabalho, 2 entre os Xocó e 1 no Mocambo, perfazendo um total de 15 viagens à ilha de S. Pedro e 9 ao povoado Mocambo. Foram registrados 110 episódios de faz-de-conta entre os Xocó (61 de meninos, 29 de meninas e 20 em grupos mistos), e 64 no Mocambo (40 de meninos, 14 de meninas e 10 em grupos mistos). O menor número de episódios entre as meninas é representativo do número menor de sujeitos do sexo feminino presentes nas duas amostras, isto porque é menor o número de meninas brincando nas áreas livres das duas localidades. Este fenômeno pode ser visto de dois ângulos: o primeiro é relativo à preferência de meninas por locais fechados (dentro de casa por exemplo) e de meninos por locais abertos (Levy, Taylor e Gelman, 1995); e outro pelo fato de

as meninas, como verificamos ser prática comum nos dois povoados, ajudarem suas mães nas tarefas domésticas desde muito cedo.

Um primeiro dado que pode esclarecer sobre a influência da cultura na brincadeira das crianças é a escolha de temas. Para tal utilizamos categorização elaborada por Moraes e Carvalho (1994), através da qual as brincadeiras foram agrupadas em sete temas: Transporte, Aventura, Atividades Domésticas, Animais, Construção, Jogos, Profissões e Outros (para aquelas brincadeiras menos frequentes e que não se enquadram em nenhuma outra categoria).

Tabela 1. Percentual de ocorrência dos vários temas de faz-de-conta escolhidos por meninos e meninas Xocó e do Mocambo.

Temas	Xocó			Mocambo		
	Meninos	Meninas	Misto	Meninos	Meninas	Misto
Aventura	21	10	40*	19	—	30*
Jogos	03	04	05	14	—	—
Transportes	44*	14	15	50*	07	20
Profissões	18	21	10	—	07	10
Animais	04	—	05	03	14	10
At. domésticas	—	41*	10	—	43*	20
Construção	08	07	10	02	—	—
Outros	02	03	05	12	29	10
N =	61	29	20	40	14	10

(*) Acima do esperado segundo o Critério de Andrew, como descrito em Aspey (1977).

Como pode ser visto na Tabela 1 há uma preferência clara dos meninos por temas relacionados com transportes (andar a cavalo, guiar carros de boi, canoas, etc.), das meninas por temas relacionados com atividades domésticas (cuidar de bebês, fazer comidinha, etc.) e dos grupos mistos por aventuras (polícia e ladrão, super-heróis).

Estes resultados coincidem com outros estudos que indicam influência de gênero no engajamento diferenciado de crianças em atividades lúdicas, com os meninos preferindo os brinquedos e as atividades consideradas masculinas e as meninas,

as consideradas femininas (Beraldo, 1993; Moraes e Carvalho, 1994; Tizard, Philips e Plewis, 1976). Também reforçam a tendência já detectada por Archer (1992) à segregação (meninos brincam com meninos e meninas com meninas). Resultados semelhantes foram encontrados em São Paulo (Moraes e Carvalho, 1994; Bichara, 1994) e em Aracaju (Barbosa, Ramalho e Bichara, 1995). Isto significa que questões de gênero, potencializadas por questões culturais, influenciam na escolha dos temas e também nos processos de interação social (Black, 1989; Thompson e Zerbinos, 1995).

Também é observada a preferência dos grupos mistos por brincadeiras de Aventuras. Uma possível explicação pode estar na variabilidade de papéis que estas brincadeiras podem conter, facilitando assim a negociação dos papéis e a aceitação das regras por todos.

Em seguida passou-se a investigar o conteúdo dessas brincadeiras para verificar a fonte de inspiração para os diversos temas, se o cotidiano da comunidade, o cotidiano da sociedade fora da comunidade, meios de comunicação etc. Esta análise teve o objetivo de investigar a influência da cultura local quanto à preferência por temas e se havia uma preferência maior por temas realísticos ou fantasiosos de acordo com o sexo. Para tal agrupamos os dados em três categorias: temas realísticos do cotidiano (das duas localidades), temas realísticos externos e temas fantasiosos. A Tabela 2 mostra esta distribuição.

Tabela 2. Percentuais de ocorrência de temas de faz-de-conta realísticos do cotidiano das 2 localidades, realísticos externos a elas e fantasiosos, nas brincadeiras de crianças Xocó e do Mocambo, de acordo com o sexo.

Temas	Xocó			Mocambo		
	Meninos	Meninas	Misto	Meninos	Meninas	Misto
Realísticos Cotidianos	64	62	50	69	79	50
Realísticos Externos	26	34	25	21	14	—
Fantasiosos	10	04	25	10	17	50
N =	61	29	20	40	14	10

Como se pode observar há uma clara preferência de todos os grupos por temas realísticos retirados do cotidiano das duas localidades e uma presença maior de temas fantasiosos nos grupos mistos, confirmando o dado anterior da preferência destes grupos por temas de aventura, na maior parte das vezes influenciados pela televisão.

Em estudo realizado na cidade de São Paulo, Moraes e Carvalho (1994) constataram grande frequência de temas que se afastavam da experiência cotidiana das crianças. Aventuras de super-heróis, dotados de poderes extra-humanos, constituíram-se no tema mais freqüente. Essas crianças demonstraram grande interesse por programas de televisão e filmes em exibição à época da pesquisa. Em pesquisa semelhante, também na cidade de São Paulo, Bichara (1994) encontrou uma diferenciação entre meninos e meninas: as meninas se inspirando no dia-a-dia de suas residências e os meninos na TV e no cotidiano da cidade. A autora interpretou estes dados em função do modo de vida das grandes cidades: o pai trabalha fora e o seu trabalho não tem conteúdo para os filhos; a mãe mesmo quando trabalha fora continua desempenhando algumas tarefas domésticas e na sua ausência outras mulheres as realizam.

Acredita-se que, nas grandes cidades, tanto a TV, quanto filmes de cinema, revistas em quadrinhos, livros infantis, etc. fazem parte do cotidiano das crianças. São as fontes que elas encontram para conhecer e trabalhar o próprio cotidiano, já que não têm acesso fácil ao trabalho dos pais que é realizado fora de casa, com exceção das tarefas domésticas e cuidados com a própria criança. Farver e Shin (1997) comparando a escolha de temas entre crianças coreo-americanas e anglo-americanas encontraram uma presença maior de temas realísticos e familiares entre as coreanas e mais fantasiosos entre as anglo-americanas. Estes autores relacionaram estas preferências com características próprias às culturas destes povos: os coreanos valorizam mais a minimização de conflitos e atitudes mais cooperativas, enquanto os americanos valorizam mais o individualismo e a competição.

Também a preferência por temas do dia-a-dia pode se dar, segundo Black (1989), porque estes temas são mais propícios a serem prontamente usados em simulação interativa, pois possuem conteúdos facilmente partilháveis que facilitam a interpretação e negociação, principalmente em crianças menores, com menos habilidades simbólicas.

O que é interessante notar é que independente da fonte de inspiração para o tema, as brincadeiras refletem os valores da sociedade e da cultura na qual a criança está inserida, não só no seu entredo, como nas próprias relações que as crianças mantêm entre si no grupo de brinquedo. Preconceitos, machismo, juízos de valor sobre determinadas funções ou profissões, manifestam-se nas relações entre líderes e subordinados, na escolha de papéis, na emissão de regras etc.

Na presente investigação, entre as crianças Xocó e do Mocambo, não foram encontrados dentre os temas baseados no cotidiano nenhum que expressasse, de forma mais clara, uma cultura com características tipicamente indígenas ou quilombolas. As brincadeiras expressaram, em sua maioria, o dia-a-dia de qualquer população rural e ribeirinha da região. Além das brincadeiras com temas domésticos (arrumar casa, cozinhar, cuidar de crianças, etc.), foram observadas brincadeiras de andar a cavalo, conduzir carro de boi, conduzir canoa, pescar, armazenar colheita em silos, etc. Só em uma oportunidade, após uma exibição de toda a aldeia, as crianças Xocó continuaram sozinhas a dançar o Toré, com uma delas representando o cacique, puxando o canto, e outra o pajé.

Observa-se também a escolha das crianças por locais para as brincadeiras onde se evidencia, além da já referida preferência dos meninos por ambientes externos e de meninas por ambientes internos, a influência de variáveis ecológicas e climáticas: devido ao forte calor da região os locais preferidos são os que contêm sombras (varandas, portas de casa e árvores), além do próprio rio. Neste aspecto encontram-se eventos interessantes sem similar na literatura como: perseguição de polícia a ladrão a nado no rio, arrumação de casinha em cima de árvores, entre outros.

A escolha de objetos e a sua utilização também tem sido objeto de investigação. Percebeu-se uma larga utilização de objetos da natureza (paus, pedras, folhas, areia, etc.), de sucatas (frascos vazios, pedaços de utensílios já sem uso, instrumentos domésticos ou de trabalho obsoletos, etc.) e pouco uso de réplicas fabricadas como brinquedos, devido ao baixo poder aquisitivo das duas comunidades. Este uso tem sido variado demonstrando grande variabilidade de transformações simbólicas: paus como bebês ou revólveres, varas como cavalo, pedras como móveis e até galinhas como bebês, entre outros.

Segundo Mello (1997) a utilização de sucata favorece a construção de significados comuns que devem ser negociados, uma vez que não têm um fim determinado. Também Machado (1994) considera que o brinquedo com sucata permite a quem brinca com ele desvendá-lo, resignificá-lo, pois é um objeto que possui inúmeros significados que não são óbvios nem estão evidentes, possibilitando assim novas e inusitadas relações.

Os dados encontrados até o presente evidenciam que as crianças expressam em suas brincadeiras o modo de vida de seus pais, sofrendo influências em seu desenvolvimento de particularidades culturais e, principalmente, que diferenças sócio-culturais permitem variabilidade comportamental e não uma deficiência, como estudos anteriores procuraram evidenciar (Smilansky, 1968; Rosen, 1974; Tizard e cols., 1976; Kotliarenco, 1997). As crianças das duas comunidades estudadas apresentaram alto índice de brincadeiras fantasiosas, contendo nelas elementos de criatividade, como no uso dos objetos, refletindo não só a vida da sua comunidade e de vizinhos, como aspectos próprios a ambientes distantes, vistos através da TV. Apresentaram características semelhantes a crianças urbanas, principalmente na organização dos grupos para brincar e na escolha de temas, demonstrando a mesma tendência à segregação e estereotipia sexual.

Esta investigação não representa um estudo conclusivo sobre variabilidade sociocultural nas brincadeiras de crianças brasileiras, principalmente

em áreas rurais. Novos estudos são necessários, assim como os dados acumulados nestas duas pesquisas necessitam de análise mais acurada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Archer, J. (1992). Childhood gender roles: Social context and organization. Em H. McGurk (ed.), *Childhood social development: Contemporary perspectives* (pp. 31-61). U.K.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Aspey, W. P. (1977). Wolf spider sociobiology: I. Agonistic display and dominance-subordinance relations in adult male, *Schisocosa crassipes*. *Behavior*, 62, 103-141.
- Barbosa, S.; Ramalho, A. e Bichara, I. D. (1995). Um estudo dos aspectos lingüísticos e para-lingüísticos da comunicação durante o faz-de-conta em pré-escolares [Resumo]. Em Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (org.), *Anais da 47ª Reunião Anual da SBPC* (V. II, p.549). São Luis: SBPC.
- Beraldo, K. E. A. (1993). *Percepção de crianças de 5 a 10 anos em relação a diferenças de gênero de brincadeiras*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bichara, I. D. (1994). *Um estudo etológico da brincadeira de faz-de-conta em crianças de 3 a 7 anos*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Black, B. (1989). Interactive pretense: Social and symbolic skill in preschool play groups. *Merrill-Palmer Quarterly*, 35, 370-397.
- Brougère, G. (1995). *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez.
- Dantas, B. G. (1991). Os índios em Sergipe. Em D. M. Diniz (coord.), *Textos para a história de Sergipe*. Aracaju: UFS/BANESE.
- Eibl-Eibesfeldt, I. (1989). *Human ethology*. New York: Aldine de Gruyer.
- Elkonin, D. (1971). Symbolic and its functions in the play of children. Em R. E. Heron e B. Sutton Smith (eds.), *Child's play* (pp. 221-230). New York: John Wiley.
- Farver, J. M. e Howes, C. (1993). Cultural differences in American and Mexican mother-child pretend play. *Merrill-Palmer Quarterly*, 39, 344-358.

- Farver, J. M. e Shin, Y. L. (1997). Social pretend play in Korean and Anglo-american preschoolers. *Child Development*, 68, 544-556.
- Fein, G. G. (1981). Pretend play in childhood: an integrative review. *Child Development*, 52, 1095-1118.
- Johnson, J. E.; Christie, J. F. e Yawkey, T. D. (1999). *Play and early childhood development*. New York: Longman.
- Kotliarenco, M. A. (1997). El juego como posibilidad de refuerzo a la resiliencia. Em Santos, S. M. P. (org.), *Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos* (pp. 41-43). Petrópolis: Vozes.
- Levy, G. D.; Taylor, M. G. e Gelman, S. A. (1995). Traditional and evaluative aspects of flexibility in gender roles, social conventions, moral rules, and physical laws. *Child Development*, 66, 512-531.
- Machado, M. M. (1994). *O brinquedo-sucata e a criança*. São Paulo: Loyola.
- Mello, C. (1997). A interação social na brincadeira de faz-de-conta: Uma análise da dimensão metacomunicativa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13 (1), 199-230.
- Moraes, M. L. S. e Carvalho, A. M. A. (1994). Faz-de-conta: Temas, papéis e regras na brincadeira de crianças de 4 anos. *Boletim de Psicologia*, 44 (100/101), 21-30.
- Rosen, C. E. (1974). Problem-solving behavior among culturally disadvantaged preschool children. *Child Development*, 45, 920-927.
- Santana, R. N. de A. (coord.). (1997). *Comunidade Mocambo/Porto da Folha - Diagnóstico* (não publicado). Aracaju: Sociedade Afrosergipana de Estudos e Cidadania - SACL.
- Smilansky, S. (1968). *The effects of sociodramatic play on disadvantaged preschool children*. New York: Wiley.
- Smith, P. K. e Dodsworth, C. (1978). Social class differences in the fantasy play of preschool children. *The Journal of Genetic Psychology*, 133, 183-190.
- Thompson, T. e Zerbinos, E. (1995). Gender roles in animated cartoons: Has the picture changed in 20 years? *Sex Roles*, 32 (9/10), 651-673.
- Tizard, B.; Philips, J. e Plewis, I. (1976). Play in preschool centers - II: Effects on play of the child's social class and the educational orientation of the centre. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 17, 265-274.
- Whiting, B. B. (1963). *Six cultures: Studies of child rearing*. New York: Wiley.
- Whiting, B. B. e Edwards, C. P. (1988). *Children of different worlds: The formation of social behavior*. Cambridge: Harvard University Press.

Recebido em: 30/10/99

Aceito em: 13/07/01